

SOBREVIVENTES DO TERROR

» SAULO ARAÚJO

Uma semana depois da maior tragédia da história do Lago Paranoá, os sobreviventes relembram o terror vivido na noite do dia 22. Pesadelos, depressão e tristeza passaram a fazer parte da rotina de quem quase perdeu a vida no naufrágio. Ao *Correio*, alguns deles relembrou os terríveis momentos que antecederam o resgate. São histórias impressionantes como a da bancária Larissa Cristina Ribeiro, 25 anos, que, mesmo sem saber nadar, boiou por mais de 40 minutos até a margem de uma casa na QL 14 do Lago Sul. "Não nado, mas sei boiar. Quando eu vi que estava sozinha, pensei: 'Ou eu me

acalmo, ou morro'. Graças a Deus eu tive sangue frio para flutuar até chegar a um lugar seguro", contou.

O técnico automobilístico Ismael Belo Mousinho, 49 anos, foi outro que escapou por milagre. Ele chegou a ser sugado pela água quando o *Imagination* afundou. Ficou submerso, calcula, por cerca de 1 minuto, até conseguir tirar a cabeça da água e respirar. Nadador experiente, quase morreu vítima do desespero das pessoas. "Todo mundo que não sabia nadar segurava em mim. Toda hora eu era surpreendido por alguém me puxando para o fundo. Tive que bater em muitos para me largarem. Não tinha mais forças para suportar muito tempo. Aprendi

com essa experiência que existem três leis: a da gravidade, a civil e a lei da sobrevivência. E era nessa última lei que eu estava enquadrado naquele momento", disse Ismael.

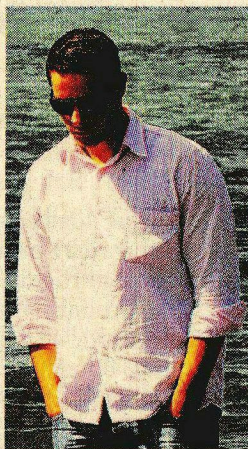
A auxiliar administrativa Mônica Araújo de Moraes, 21 anos, é prima da menina Ester de Araújo, 10, que morreu no acidente. A jovem quebrou um braço na hora em que o barco começou a virar. Mesmo com os movimentos comprometidos, nadou até chegar a um bote. "Não sei como consegui nadar com o braço quebrado. Só senti dor na hora em que meu sangue esfriou. São coisas que a gente só é capaz de fazer quando está entre a vida e a morte", disse.

DEPOIMENTO

SÉRGIO AUGUSTO RIBEIRO BARRETO,

27 ANOS, BOMBEIRO CIVIL,
MORADOR DO RECANTO DAS EMAS

"Eu estava no deck do barco quando a água começou a entrar. Minha reação foi correr para o andar de cima e pegar um colete para minha irmã, que não sabe nadar. Voltei para o deck e consegui jogar quatro coletes na direção dela e de outras pessoas. Quando o barco virou, fiquei dentro do deck, preso com outras pessoas. Acho que foram elas que morreram. A água cobriu nossas cabeças. Tentei quebrar o vidro com chutes e socos, mas não consegui. Tentei me manter frio, o que era difícil. Vi um vão pequeno por onde a água entrava. Consegui passar por ele com dificuldade. Já estava quase desmaiando quando subi e consegui respirar. Me afastei das pessoas desesperadas. Todas queriam se apoiar em mim. O barco dos bombeiros chegou e eu, finalmente, estava seguro. Foi quando vi um bebê boiando ao lado do barco. Ele já estava desacordado. Fiz respiração boca a boca e massagem cardíaca. Ele deu um refluxo e fiquei com esperanças de ele voltar. Os bombeiros o levaram e não o vi mais. Depois fiquei sabendo pelos jornais que era o João (João Antônio Fernandes, 7 meses) e que ele não resistiu. É duro pensar que uma criança tão inocente perdeu a vida nas minhas mãos."



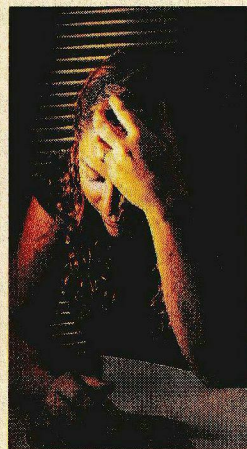
Fotos: Ronaldo de Oliveira/CE/DA Press

"Já estava quase desmaiando quando consegui subir e respirar"

LARISSA CRISTINA LOPES,

25 ANOS, BANCÁRIA, MORADORA DO VARJÃO

"Quando eu ouvi o pessoal gritando para todo mundo ir para a direita, achei estranho e fiquei assustada. Não demorou muito e a água invadiu o barco. Minha reação foi correr para a ponta e sair de perto das pessoas. Pensei: 'Eu não sei nadar. As pessoas vão se agarrar em mim e vou morrer com elas'. Fiz a única coisa que eu sei na água, que é boiar. Quando o barco afundou, já estava longe da maioria dos passageiros. Procurei manter a calma, pensar em Deus e ficar boiando até o resgate chegar. Tive a serenidade de tirar minhas botas, que já estavam bem pesadas. Fui assim até a correnteza me levar para perto de uma casa. Quando estava perto da margem, uma lancha passou e me resgatou. Fui uma das últimas a chegar aonde estavam os outros sobreviventes justamente porque fui parar muito longe. Eu nasci de novo com essa experiência. Estou casada há seis anos e não tenho filhos. Procurava sempre melhorar financeiramente, ter uma casa bonita. Agora, vejo que isso não é o mais importante na vida de uma pessoa. A família, sim, é o bem mais sagrado. Hoje, minha prioridade número um é engravidar."

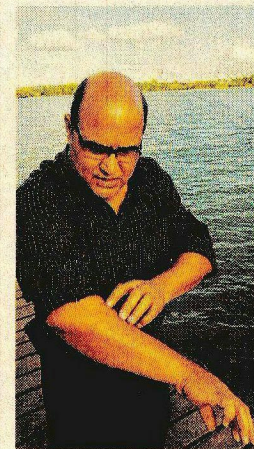


"Nasci de novo com essa experiência"

ISMAEL BELO MOUSINHO,

49 ANOS, TÉCNICO AUTOMOBILÍSTICO,
MORADOR DA CIDADE OCIDENTAL

"Entre no barco com minha esposa e minha filha e ninguém conferiu nossos nomes na lista nem pediu os ingressos. Achei estranho logo de cara. Quando pediram para irmos para a direita, pensei: 'Vai afundar'. Em questão de segundos, tudo ficou inundado. Não deu tempo de tirar a jaqueta. O barco me sugou para o fundo. Muita gente se agarrou em mim. Estou todo arranhado. Não tinha mais forças para suportar muito tempo. Aprendi com essa experiência que existem três leis: a da gravidade, a civil e a lei da sobrevivência. E era essa última lei que eu estava obedecendo. Tentei segurar numa corda, mas ela arrebentou, depois procurei me apoiar no pedaço do barco, mas afundou também. Já estava desistindo de lutar, sem forças. Já tinha pedido a Deus para me levar em paz, quando apareceu uma embarcação que já estava lotada. Não consegui subir, mas pelo menos fiquei apoiado. Vi uma mulher boiando com o rosto dentro d'água. Puxei-a pelos cabelos e vi que ela já estava morta, com os olhos arregalados. Com certeza foi a imagem mais marcante dessa tragédia. Deito e logo vem o rosto dessa moça. Estou depressivo e com problemas para dormir, e até hoje nenhum responsável nos procurou para saber se estamos bem. Isso é revoltante."



"Puxei-a pelos cabelos e vi que ela já estava morta, com os olhos arregalados"